

O fim de um breve sonho

Estabilidade do IPC é improvável já em setembro

A cabou-se a calmaria. Ninguém acredita mais que a inflação será inferior a 30% a partir de setembro. A mudança de patamar é praticamente inevitável, assim como foi em setembro do ano passado, quando o presidente do IBGE, Charles Mueller, anunciava "o fim do sonho" de se manter o índice abaixo de 20%. A primavera de 89 traz notícias semelhantes, só que um pouco mais sérias: com uma inflação acumulada de 359,01% até agosto, a repetição de taxas mensais de 30% até o final do ano representaria uma variação, durante 1989, de pelo menos 1.211%.

Enquanto o mercado financeiro, que gosta de apostar no pior, já fixou como piso para setembro uma inflação em torno de 34% e trabalha, em princípio, com a possibilidade de uma taxa em torno de 36%, economistas ligados ao governo — portanto, bem mais comedidos em suas previsões — lembram a sazonalidade de preços importantes na composição do índice oficial, como alimentos e vestuário. E chamam a atenção também para a recomposição real de alguns preços e tarifas públicas, como a dos combustíveis, projetando uma reaceleração dos índices agora em setembro.

Pressões — Entre os itens do grupo dos alimentos, o maior destaque deverá ficar por conta da carne, devido à entressafra. Mesmo com a queda do consumo, os preços continuam subindo no varejo, em virtude dos aumentos de preço no atacado. Mas também deverão exercer uma forte pressão no IPC do mês produtos como o leite e o pão francês. Já a alta esperada no grupo do vestuário é consequência do fim das liquidações de inverno e da entrada da nova estação.

"Os próximos índices de preços devem apresentar taxas de variação

alguns pontos percentuais acima dos últimos divulgados", dizem os economistas do Inpes, acenando com uma inflação de pelo menos 32,9%. A previsão do instituto, com base em um modelo de séries temporais sobre os índices da taxa de inflação quinzenal, aponta nesta direção. O INPC de agosto, por exemplo, que se refere à variação de preços durante todo o mês, abrangendo portanto a segunda quinzena (a coleta dos dados para o cálculo do IPC foi encerrada no último dia 16), já será superior a 30%, podendo atingir 34,9% em setembro.

Isso significa que após dois meses de relativo arrefecimento, a inflação volta a subir, embora de forma bem mais lenta do que em junho. O próprio governo endossa essa possibilidade, ao abrir o mês com uma projeção de uma taxa 29,34% com base no BTN fiscal — igual à inflação de agosto.

Expectativa — Existe ainda uma expectativa em torno da pressão exercida pelo aumento dos custos na mão-de-obra, pelo disparo do gatilho das categorias profissionais inseridas no chamado grupo III (que terão reajustes salariais acima de 40%) e também pelo fato de que grande parte das empresas já incorporou o sistema de correções com base na inflação do mês anterior.

Por fim, e também de importância fundamental, serão sentidas com mais ênfase e, portanto, com direito ao repasse aos preços no varejo, as altas registradas em julho e agosto no atacado, medidas pelos índices de preços da Fundação Getúlio Vargas, que desde julho já vêm registrando taxas mensais bem acima de 30%.

Os aumentos dos índices da inflação, segundo o economista Eduardo Modiano, da PUC-RJ, deverão ser um pouco mais acelerados, devido também à necessidade de realinhamento dos preços relativos com base na provável recomposição dos preços públicos, e ao inesperado reaquecimento da economia nas proporções atuais. (K.G.)